



SEMANARIO HUMORISTICO

Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



COMEÇAM OS "MISTÉRIOS,"



O eterno "carro mistério,, da capital do Norte

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 64 Pôrto, 8 de Julho de 1933 Ano II



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 5\$00
Registado 7\$00

Estrangeiro

Ano 6\$00
Registado 10\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

PLANO GERAL

— DO —

GRANDE CONCURSO

PIM-PAM-PUM

que se inicia neste número
de a **MARIA RITA**

Na nossa última página está gravada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 26 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente, serão atirados **CINCO BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas.

Na 1. ^a Semana	9 bolas
» 2. ^a »	8 »
» 3. ^a »	7 »
» 4. ^a »	6 »
» 5. ^a »	5 »

Ficarão portanto a favor do concorrente 10 bolas, porque entre os 26 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tomar, recuará **um ponto** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

1 PONTO por cada boneco em que acerte.

Para controlar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, cinco envelopes, que serão abertos todas as 6.^{as} feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a **MARIA RITA** publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por ele poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem arbitrados estarão certos.

Graça — Distracção — Maçaroca

O que é preciso é

SORTE E BOA PONTARIA

Experimentem a sua mão certa

Vá lá ver a sua sorte!...

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado depois da primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** publicadas desde o início e ser-lhe-ão marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	= 2 pontos
2 » » »	= 4 »
3 » » »	= 6 »
4 » » »	= 9 »

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados os que jogam desde o início, toda a gente poderá concorrer ao nosso grandioso concurso nacional de

PIM-PAM-PUM

Lista de Prémios

1 prémio de 500 Escudos ao concorrente que totalize os **25 pontos**.

3 prémios de 200 Escudos aos concorrentes que alcancem mais de **22 pontos**.

5 prémios de 50 Escudos aos concorrentes que alcancem mais de **20 pontos**.

5 prémios de 5 garrações de vinho cada, **IDEAL DO LAVRADOR**, aos concorrentes que em todo concurso não atirem abaixo o **Sempre-em-Pé**, seja qual for o número de pontos alcançado.

200 prémios do valor de **10 Escudos** cada, aos concorrentes que alcancem mais de **15 pontos**.

Total: cerca de 4.000\$00 Escudos

Concorrer ao **PIM-PAM-PUM** é ter a certeza de ganhar alguma coisa



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Um antigo jornalista lisbonense, julgando-se ofendido por certas palavras que um seu velho amigo proferiu, enviou-lhe duas testemunhas, exigindo reparação pelas armas. Nomeou o desafiado os seus padrinhos. E logo na primeira reunião dos quatro representantes se suscitou uma questão prévia, baseada em que o reptador de agora se recusara; há dezanove anos, a bater-se com determina a pessoa cujo nome não vem para o caso e que já se encontra prestando contas a Deus.

Retrucaram as primeiras testemunhas que o seu constituinte procedera nessa emergência com muitíssima razão, mas que já, depois de isso, teve duas pendências de honra. Treplicaram as segundas que a questão devia ser submetida a uma arbitragem, visto não ser suficientemente explícito, sobre o caso controverso, o Código Laborie, — que é, pelos modos, uma lei que nenhum governo promulgou, mas toda a gente aceita. E tal como acontece em todas as discussões, sucedeu que uns e outros ficaram na sua, não podendo prosseguir a pendência por absoluto desacôrdo das pessoas encarregadas de resolvê-la.

Antes assim, atendendo a que *tout est bien qui finit bien*. E não é pelo facto de não terem chegado a defrontar-se no chamado campo da honra que os dois contendores perderão a estima pública que justamente usufruem.

Supunha eu que já tinham acabado em Portugal, de vez e para sempre, estes episódios medievicos das pendências de honra que só podem oferecer três aspectos: ou ridículos, quando os padrinhos deliberam que os seus afilhados se entrevotam alta consideração; ou cómicos, quando se trocam as consabidas duas balas sem resultado; ou trágicos quando um dos adversários baqueia. Em semelhante assunto, o bom-senso está sempre do lado de aquelle que recusa bater-se, *carrément*, sem explicações e sem subterfúgios, como ainda não há muito fez um distinto médico e publicista lisboeta. E este gesto, tão sincero e tão cheio de nobreza, sem dúvida teria servido de paradigma em todas as emergências similares se não pesassem, sobre a maior

parte dos humanos, séculos e séculos de preconceitos que os levam muitas vezes a proceder contra a sua própria consciéncia.

Esta antinomia entre os actos e o modo de pensar provoca em certas ocasiões atitudes verdadeiramente grotescas. Em tempos de monarchia era freqüente vermos dois homens públicos — quasi todos os duelistas saíam do alfobre politico — acabarem de bater-se e largarem para a

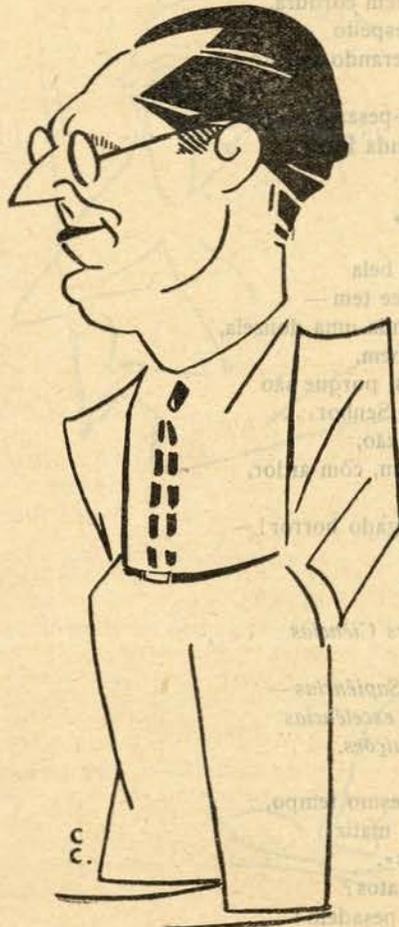
Nunciatura, ainda antes do pequeno almoço, a impetrar do legado papal absolvição plena do peccado cometido. Era gravíssima a falta, segundo as determinações canónicas, e sobre ela impedia a pena de excomunhão. Sem embargo, o núncio perdoava generosamente, abstergendo com a sua bênção paternal contendores e testemunhas (igualmente abrangidas pelo anátema) e tomando de esta forma sobre si, a-pesar-da púrpura dignificante, o quinhão de ridículo que lhe competia por armar em pai-nobre da comédia.

Claro que, naquela época, a religião era uma espécie de roupão caseiro — ainda ao tempo não havia pijamas — e no peito de cada individuo que no parlamento exalçava as excelências do credo cristão pulsava o coração empedernido de um discipulo de Voltaire. Hoje, porém, é diferente. O espiritualismo tem avançado, a religião católica alastra avassaladoramente, as crenças são profundas, sinceras, — e curial seria esperar, de quem as professa, um perentório «*non possumus*», cortando radicalmente a questão, quando metido em semelhantes andanças. De esperar seria também que os bons católicos se negassem a apadrinhar querelas de este género. Mas não. Indubitavelmente, Deus é uma entidade digna de respeito. Todavia, o Mundo merece muito mais deferéncia. E se o Mundo exige que duas criaturas se coloquem frente a frente empunhando cada qual sua pistola, faça-se-lhe a vontade, deixando Deus para segundo lugar. De resto, é da praxe que os adversários não sofram a menor beliscadura, que se reconciliem após terem disparado, e que a Igreja absolva sem relutância. E este perdão geral constitue sempre um espectáculo edificante...

Quem não perdoa, naturalmente, são os pobres dos paraís, — os únicos seres que apanham um susto real, por ignorarem que os tiros são de pólvora secca.

Marcial Jordão.

Viajantes illustres



O sr. Getulio Costa, o expoente máximo dos editores brasileiros



Balancete da semana

Um certo oficial do exército marcial da Dinamarca, declarou, contente: — «Se a guerra rebentar, desde já digo, perentoriamente, que me recusarei a pelear». Foi abatido ao quadro permanente: ficou paisano, em vez de militar. Andou bem o govêrno? Certamente. Pois de que serve o exército, afinal, senão p'ra defender a pé seguro a pátria, se o estrangeiro desleal a' quiser invadir, irado e duro? Kullman! que nome! Embora êle se dane, êste *forte* oficial dinamarquês devia ser: Culman: *cul* francês, *man* inglês...

Chama-se Goma o arcebispo novo que substituiu o cardeal Segura em Toledo. Porém o rude povo tratou-o mal, sem ordem nem cordura. Vaiou-o, assobiou-o sem respeito não tendo em conta o venerando aspeito do prelado futuro. De onde eu deduzo que, a-pesar-de Goma, o novo antiste que lhe manda Roma também não está seguro...

Uma velhinha centenária e bela — desta beleza que a velhice tem — disse a um jornal que é ainda uma donzela, e tem assim vivido muito bem. Contudo, adora os homens, porque são feitos à mesma imagem do Senhor... Se ela tivesse tido uma paixão, e se entregasse a um homem, com ardor, diria, ao fim e ao cabo, que êles são feitos — negregado horror! — à imagem do Diabo...

Leio isto: «A Academia das Ciências suspendeu as sessões para que os sócios — Suas Sapiências — possam gozar do campo as excelências gozando o estio sem consumições. Partiram muitos já».

Ao mesmo tempo, leio noutro jornal, de igual matiz: «Encareceu a palha no país». E fiquei a pensar: serão boatos? Se não são, que horroroso pesadelo! Haverá relação nestes dois factos? — Quem poderá sabê-lo!

Turiddu.

Li em tempos, um belo livro tod'êle tendente a demonstrar, em páginas de boa e sã leitura, a vantagem que há em permitir a livre propagação da espécie, aduzindo o autor, em factos e argumentos de pêso, a razão do que afirmava.

E convenceram-me as suas páginas, e achei justas as considerações expostas.

Mas se assim era, porque diabo tinha pôsto o autor, logo na segunda página, esta frase que me deixou zanzado de todo:

«Proibida a reprodução?»

Já repararam no lindo verão que vamos atravessando? Chuvas, frios, trovoadas...

Chega a gente a ter saúdaes de inverno a ver se o tempo aquece e se podemos ir até à praia mostrar a nossa plástica.

E' bem verdade também que agora já nem a plástica se pode mostrar. As leis estão austeras e a multa correspondente à superfície da pele exposta, é parecida com aquela que pagávamos quando, rapazes, rasgávamos algum pano de bilhar; cobrindo o rasgão com boas e sonantes coroas em prata. Calculam, portanto, quanto teria que pagar o actor Chaby se se lembrasse de tomar um banho com aquele mesmo *maillot* que o pai Adão usou em tôda a sua vida. Não lhe chegavam as reservas em oiro do Banco de Portugal!...

Há dias, um doutor qualquer em entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, proclamava a excelência do açúcar, como substituto da gasolina, depois de passar uns certos pratos de polé (devia ser de pilé, não acham?)

Por outro lado, chegam-nos notícias do Brasil, comprovativas do formidável êxito alcançado pela distilação do café, no que respeita ao conseguimento de um novo carburante.

Estava a pensar nestas duas notícias ontem, assentado a uma mesa do Excelsior. E quando o criado me trouxe o reclamado café, ao açucará-lo e bebê-lo, fiquei com a impressão que tinha bebido um litro de gasolina.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

PROJEÇÕES DE BRAGA

Antigamente e hoje — Transição das visitas, de casa para o Casino — "Foot-Ball" em mistura de tripas com alface — Vasco Sameiro o português ilustre

Neste jardim, junto ao Bom Jesus plantado, centro de pasmaceira e má língua, alegre e airoso quando a primavera surge, triste e monótono quando o inverno se aproxima, a diversão mais em conta, mais sugestiva e menos perniciosamente, consiste, em fazer visitas.

Um pretexto inocente para as Mamãs falarem de maridos, de criadas e das últimas criações de femininas vestes, desde o íntimo *soutien gorge* ao visível e extravagante chapelinho equilibrado em desequilibradas cabeças, não se sabe porque há leis.

O noivo da Lili e o namorado da Lálá, saltam também de boca em boca, para variar de assunto, em circunspecta e mal dizente crítica, pesados os seus belos defeitos e péssimas qualidades, quando existe uma Lili já casadoira e uma Lálá que principia a mirar-se na própria sombra.

Um pretexto ainda, para os Papás jogarem quatro partidas de solo a tostão o passe, e passarem a seguir ao corte das casacas dos conhecidos, na pessoa das respectivas consortes, apertando gulosamente o chá quando se não enfrentam políticas palestras.

Eles, juventude em flor, elas, botões de rosa a abrir, a tudo alheios, entre sorrisos prometedores e olhares de fogo exprimindo desejos, em voz adocicada e acariciadora, repetem estafadas frases, que se lhes afiguram sempre novas, embalsamados em sonhos cor-de-rosa ao som dum lento e turbido tango que há anos deveria ter feito furor.

O que sentem??
Nada de inédito; necessidade de banhos, que tanto podem ser de chuva como de igreja.

Hoje, porém, tudo mudou.

As visitas rarearam, com grande júbilo das mamãs, das sopeiras e dos maiores de 18 anos, e os namorados da Lálá e da Lili escusam de sofrer a inclemência dos *gargarejos* para o 5.º andar.

Os papás jogam agora, em vez do solo, o *Ping-Pong*, com parceiros tanto variados como internacionais, o que dá uma nota de elegância jamais vista por estas paragens.

Mas, como se pôde operar tão cabal transformação entre as famílias do bom tom??

No Bom Jesus do Monte foi inaugurado, por entre acordes *pavanistas* em dô sustenido, um *anormalíssimo* Casino.

A ceia à americana que começou às 10 e alguns pós, terminou à hora em que as meninas histéricas costumam atingir nos seus sonhos cor-de-rosa, o epílogo.

Uma ceia tão americanizada que os convidados receberam convite para ceiar, pagando em moeda portuguesa, 25\$00.

Efeitos da epidemia comercial bracarense.

A Comissão de Iniciativa e Turismo iniciou a mais *turísticamente* possível a moralidade do *mapateiro* da terra — «Ou comemos todos ou vão ceiar ao Variedades».

Gente nova, pouca. A ordem da «Jarreteira» e aproximação, representava-se na sua máxima força, desde as solteironas quasi meladas e meladas já, aos solteiros carecas e sem careca nenhuma.

Que desconsolo!!!

Os próprios rapazes não apertavam com desvaire as damas, não as cingiam com as costumadas ânsias, não lhes falavam de amor e auto-móveis porque nem entusiasmo tinham para irem de *carrinho de mão*.

Falta de alegria, de animação, de calor...

A medida que iam aqui chegando as notícias do *Foot-ball* entre o *azarento* Porto e o *alentejano* Sporting, o desportista Braguês, de *respiro* em punho e a hósta da manhã ainda *pedrada* ao palatino, percorria toda a escala do entusiasmo lópor.

Como o telefone foi instalado na Confeitaria Primorosa, as ondas humanas do pontapé cita-

dino, invadiram, como quaisquer forças de assalto, o acanhado estabelecimento.

Quando o Sporting enfiou o primeiro *goal*, o povoletu delirante derrubou um naco de fiambre já de maior idade e um castelo de latas de bolacha marca Fátima (custa a acreditar que Fátima caísse!!); ao registar-se o segundo ponto lisboeta, tombaram quatro mesas, desapareceu um sem número de pastéis e os rebuçados andaram num verdadeiro sarilho, dos frascos para os bolsos.

Verificou-se o último *goal* e então o delírio atingiu o auge e o proprietário da Confeitaria

atingiu o rubro. Foi às nuvens e deu ao diabo a ideia do telefone, para casos desta natureza.

Viva o Sporting!... era este o grunhir geral.

Nós porque somos nortenhos, lamentamos a derrota das tripas em favor da alface.

Mas, nem todos assim pensam, pelo contrário; o povinho desta região manifesta abertamente as suas tendências para grilo e, nada custa a acreditar que, num futuro muito próximo, Braga deixe de ser a Roma portuguesa, para passar a *Grita Nacional*.

Reporters Unidos.

P. S. — Já depois das *Projeções confecionadas*, assistimos com enorme prazer à manifestação imponente de que foi alvo o extraordinário automobilista, que é Vasco Sameiro.

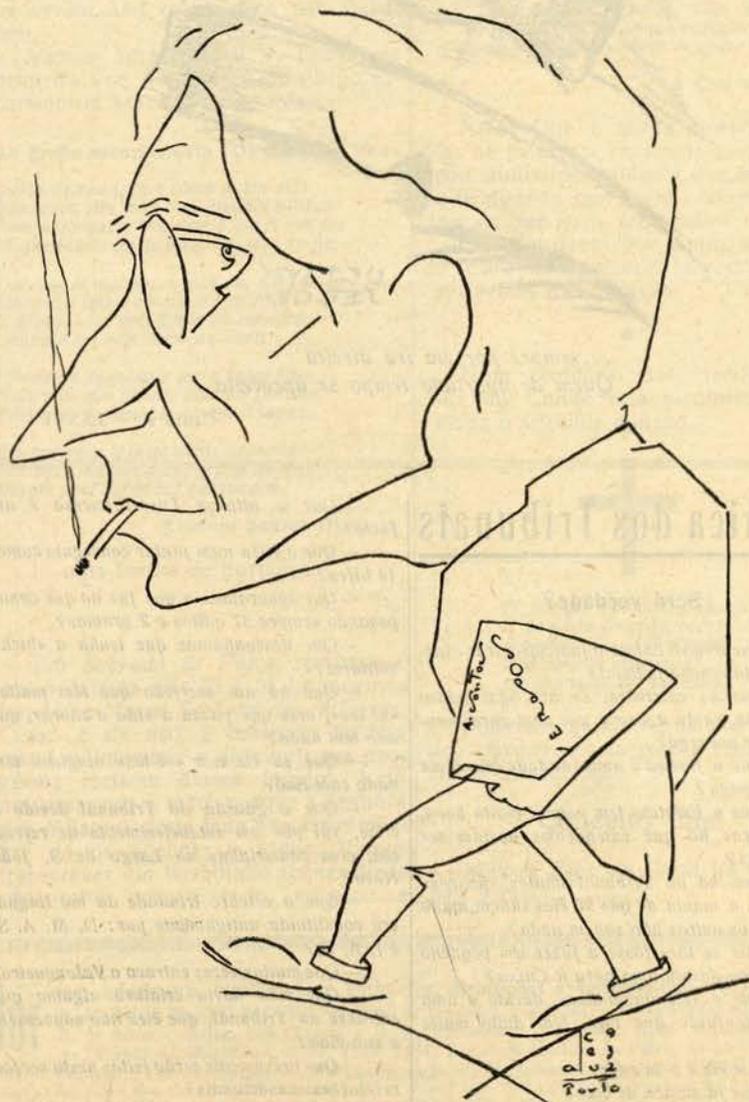
Muito mais mereçe, de muito mais é digno este distinto e intrépido moço, que tanto nos honra, mas, nesta terra, desperdiça-se o incenso com pseudo-valores, mercê das propagandas duma ridícula engraxadaria a que pomposamente dão o nome de Imprensa.

R. U.

PERFIS DO PORTO

XLVI

AMADEU SANTOS



O poeta mordaz da «Senhora da Moda», que passa tormentos com o «Vitrail do meu fadário» para irritar o «indígena»

António Ferro



...sempre por via irã direita
Quem de oportuno tempo se aproveita

Canto 1.º — LXXVI

Crónica dos Tribunais

Serã verdade?

- Que o novo Estatuto Judiciário traz armado todo o meio judicial?
- Que os escrivães, se até aqui pouco ganhavam, então agora é que nem para mandar tocar um cego?
- Que a Justiça é uma entidade que devia ser bem paga?
- Que o Estatuto tem coisas muito boas, mas outras há que entendemos deviam ser revogadas?
- Que há no Tribunal muitos «fiteiros» que tem a mania de que só eles sabem muito de leis e os outros não sabem nada?
- Que se lhes fosse a fazer um pequeno exame, não davam uma para a Caixa?
- Que o «Dominguinhos», devido a uma grande confusão que teve, tem dado muita casca?
- Que êle é bom rapaz?
- Que já mudou de club?
- Que sempre concordou nas lições que lhe tem dado o T. C. S.?

- Que a aliança Luso-Francesa é um facto?
- Que o Rica num jantar conseguiu comer 14 bifes?
- Que ignoramos o que faz ao que come, pesando sempre 37 quilos e 2 gramas?
- Que desconfiamos que tenha a «bicha solitária?»
- Que há um escrivão que tem muitos «vê-los», mas que passa a vida a chorar, que não tem nada?
- Que se êle tem «vê-los» ninguém tem nada com isso?
- Que o guarda do Tribunal devido à crise, vai pôr um estabelecimento de refrescos, com cadeirinhas no Largo de S. João Novo?
- Que a célebre trindade da má língua, era constituída antigamente por: D. M. A. S. e J. A. Z.?
- Que muitas vezes entrava a Valongueira?
- Que não havia criatura alguma que entrasse no Tribunal, que eles não soubessem a sua vida?
- Que brevemente serão feitas nesta secção revelações sensacionais?

Garganta de Prata.



O CAVALO

Hoje vamos dizer umas tretas sôbre zoologia. Trataremos, por exemplo, do cavalo.

O cavalo é um animal, um grandíssimo animal, podem crer.

Foi criado para puchar às carroças e para se poderem organizar os Concursos Hípicos.

Sim, vocês estão a ver o que seria um Concurso Hípico sem cavalos?! Uma lástima...

O cavalo é um animal veloz. Cava...lo; ora, cavar, é andar velozmente, logo o cavalo é veloz, como diria o amigo Banana, se porventura discutisse êste caso.

Como todo o animal que se preza o cavalo também tem a sua (dêle) fêmea: a cavala.

Existe, igualmente, um animal que possui muitas afinidades com o que estamos tratando: o cavalão e respectiva cara-metade: a cavalona.

E, meus caros alunos, há por aí cada cavalão e cada cavalona de se lhes tirar o chapéu duas vezes.

Mas, voltemos à vaca fria, ou por outra, ao cavalo frio.

Este animal é um quadrúpede, isto é, anda com as quatro mãos no chão.

No entanto, bom será que desde já fiquem sabendo que nem todos os quadrúpedes são cavalos. Há, por aí, meninos, que se dizem gente e que gozam do mesmo privilégio.

Coisas...

Uma outra característica do cavalo é escoicinhar. Todavia, há, também, quem escoicinha por sport, e não pertença à raça cavalar.

Coisas... ó Rosa.

Rezam os livros que existiu, em tempos que já lá vão, um cavalo com âsas. Contudo, afigura-se-me ser mais uma aldrabice da senhora História.

Os cavalos alimentam-se de palha e de fava, à falta de outra coisa. São de boa bôca êstes senhores animais.

Os cavalos empregam-se, também, na guerra, formando os regimentos de cavalaria... a cavalo. Há, ainda, a cavalaria... a pé, mas isso sai fora da órbita do nosso planeta escolar.

Não ficam, porém, por aqui, os múltiplos emprêgos do cavalo. Servem para serem estripados nas touradas, constituindo pratos predilectos para os afeccionados e para dar côr ao ambiente, «como soe dizer-se»; para se comerem em bifes... de vaca; e para se passear, aos domingos, de frente das janelas da nossa mais que tudo.

Como vêem, meus diamantinos ouvintes, um cavalo não é coisa para se desprezar. Se algum dia vos oferecerem algum, aceitai sem mais aquelas, porque lá diz o ditado: a cavalo dado, não se olha o dente.

E até à próxima.

Lérias.

DESCANSO SEMANAL

Coisas de se lhe tirar o chapéu! As barbaridades que vão por essa província fora! Ver para crer, meus senhores!...

Em Travassos, risonha localidade do concelho de Famalicão, vive um homem que dá pelo vulgaríssimo nome de José de Araújo Carvalho, e que é a criatura mais invulgar que a roda do sol vai crestando.

Calculem que êste Carvalho, em vez de comer os frutos do seu chamadouro, leve um dia a ideia aleventada de comer o saboroso fruto da imortalidade. E se havia de ir direitinho falar com o sr. Dr. Júlio Dantas, não senhor! resolve fazer semanalmente o que êle chama um *poemeto*, num rectângulo de papel que mais parece apropriado para outros olhos o verem. Faz aquilo, manda tirar um milhar, e vai de automóvel distribuí-los pelas aldeias circunvizinhas entre gentes que ainda não usam dêsses rectângulinhos.

O poemeto que hoje damos à estampa, é o número 231. Há, portanto, cêrca de 5 anos que o Carvalho de Travassos, vem produzindo disto semanalmente.

231

Pouco precisamos pra bens precisos pra bens nossos. Mais precisamos pra bens precisos pra bens doutros.

Travassos, 1933 Março 14

José de Araújo Carvalho

(de TRAVASSOS, com 67 anos feitos em 19 de Fevereiro ás 9 horas, viuvo da Brasileira Maria das Dores, desde 1928 Janeiro 8 aos 15 minutos e 25 bois a que damos de comer ás 3 horas pra trabalharmos terra ao amanhecer.

PORTUGAL — VILA NOVA DE FAMILIÇÃO

Pagou por 1:000 exemplares 15\$00 pra distribuição gratuita.

Tip. Centro de Novidades — 1933 Março 16.

Leiam V. Ex.^{as} e digam-nos depois se é possível ir algum à feira de Famalicão com maiores... prosápias! E' de raça!...

Bem sabemos que a quadra não se compreende nem uma sílaba; mas o que nos aflige é que o Conde Ferreira

andasse a trabalhar tanto tempo para estes tipos que andam por aí à solta. Também gostaríamos de saber de que marca é o relógio do sr. Carvalho que registou o falecimento da espôsa aos 15 minutos e 25 bois...

Ah! Damião! que estás vingado!...

Mas esta mania de pôr o verso à mostra, anda agora muito em voga. E' epidémica!... E então, nesses grupos excursionistas pegou de estaca! Não há nenhum por mais instrutivo que seja, que não faça o programa da sua excursão em verso. E' claro que depois levará mais tempo na viagem porque os versos são coxos. Mas não desistem.

Vamos apresentar a V. Ex.^{as} pela primeira vez, um soneto do grupo excursionista «Os Caras de Reu».

Ao grupo excursionista «Os Caras de Reu»

*Caras de reu (reu é como quem diz)
Bondosos sim mas com alguma altivez
Bem haja quem vos ouve e quem vos fez
Já que fazeis parte do grupo que eu fiz.*

*Dar-vos-ei mui breve mas em hora feliz
Um piteo igual ao que o outro fez
E depois com dois litros ou com trez
Chupalo-eis bem junto ao nariz.*

*Prontos a responder para fazer luz
Num tribunal mesmo sem ter jurados
Pois que, se nenhum de vós é lapuz,*

*Eis uns reus injustamente acusados
Por pertencerem a um grupo de truz
Devem pois ser todos perdoados.*

Antonio Soares Dias.

E' uma beleza de hortaliça.

Em Sobrado de Paiva, realizam-se nos próximos dias 15 e 16, imponentes festejos a Nossa Senhora dos Milagres. Como é de uso, a comissão festeira mandou imprimir e distribuir um programa reclame dêsses festejos. Veio um parar-nos à mão, porque a Senhora dos Milagres desta feita não fez o milagre de os queimar a todos. Vamos transcrever um bocadinho apenas dêsse prospecto, porque todo, encheria a

MARIA RITA de bombordo a estibordo.

Quermesse

O arraial ocupará não só o adro, como todo o amplo Largo do Conde de Castelo de Paiva. Nêste se elevarão graciosas barracas para venda das «prendas» oferecidas. Um grande «bar» ORIENTALMENTE DELINEADO, saboreará todos as mucosas digestivas. A' viçosa mocidade feminina de Sobrado, foi confiado o conseguinte dêsse salutar efeito terapêutico. E nós desconfiamos que, mais do que a frescura da cerveja, o paladar dos pasteis, o aroma do café, etc.; os sorrisos encantadores, os desvelados e subtis cuidados, a grácil graciosidade das SERVENTES, melhor darão saúde ao corpo, prazer ao espírito... e rendimento à festa.

Do Pôrto, Penafiel, Cête Sinfães e Arouca haverd, a preços reduzidos, nestes dias carreiras de caminhetas para esta Vila.

A Comissão.

Arre! Que é muita asneira junta. Mas se calhar, a rapaziada lá da terra ficou muitíssimo contente, e se assim foi, pode dizer-se que foi o conseguinte dum salutar efeito terapêutico.

E não aparece por lá ninguém que dê cabo das mucosas digestivas aos cavalheiros da comissão.

Num cemitério dos arredores de Vila do Conde está esculpido numa campa o seguinte epitáfio:



*O' vós que por aqui passaes
E de nada vos admtraes,
A pessoa não está mopta
Mas apenas absorpta
Na manção dos infinaes.*

Podemos garantir que isto é autêntico porque nos merece o remetente a maior consideração.

Conceito final

Muitos *Ecoss de Cacia* há por êsse país fora!...

A Adega Ideal do Lavrador

doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS: R. do Bom Jardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordeiro); Trav. da R. dos Mercadores, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



O Romanones

Era duma vez... um *Cabrito* de Lafões,
Colaborador assíduo da MARIA RITA,
Que morreu apaixonado pela dita,
...E por outras razões.

Vai o Zé de Artimanha fêz convites
Para o seu triste funeral,
Que por sinal foi de arromba,
E teve por local
A Gruta da Lomba!

Vários e famélicos apetites
Se juntaram em volta do defunto,
Que, loiro e jovial... e mal assado,
Com as coxas inertes e pendentes,
Dormia o sono imaculado
Das crianças inocentes!



O filho do pai

Infanticídio assim nunca se vira!
Se não fôra o *Azaña*
Fazer-lhe a autópsia, mesmo ali,
E se não fôsse o raio do *Gandhi*
Em êxtase, absorto,
Jurar que o *Cabrito* estava morto,
Eu cá por mim dizia: — Isso é mentira!

Mas vamos ao relato
Do importante facto
Rico de atitudes e emoções,
Na Lomba verificado
No dia de *Camões*!
Cada convidado,
O melhor que soube e pôde, compôs
O semblante, e atirou-se ao arroz!

Que *tachada*, meu Deus, de arroz de frango!
O *Neto*, mais o *Pinho*,
Entraram logo a dançar um *tango*
Muito de mansinho!
O *Caldas*, mais o *Homem dos Bigodes*,
Aluiram com um *fandango*,
Não o ribatejano,
Mas um *fandango* do tempo de *Jagodes*,
Que ia ressuscitando o *Cabritinho*.

Entretanto, nas ânforas, o vinho
Ia e vinha,
Vinha e ia
Com tal gana e tal magia,
Que era mesmo um consôlo vê-lo voar,
Vê-lo escorregar
Num ritmo indistinto,
Fôsse êle branco ou tinto,
Nas guelas ressequidas dos convivas!

Nessa altura o *Morais* deitou foguetes...
Deram-se palmas e vivas...
— E passando do arroz para os filetes
E outras petisqueiras várias,
Dentro em breve o funeral
Tortou pagãos aspectos de arralal
Onde só faltavam luminárias.



O nosso senhorio *Gandhi*

Houve discursos interessantes,
Cheios de lugares comuns
Estafadíssimos e velhos!
Falou-se de paçadas e jejuns!...
Nédio, insinuante,
Também o nosso amigo *Azaña*, de joelhos,
Evocou as velhas amizades;
Falou de freiras e de frades,
E mesmo ali, sem pejo nem vergonha,
Como outr'ora *Platão* nos seus banquetes,
Compôs tal madrigal de amor
Ao velho *Silva* dedicado,
Que êste ficou embasbacado
E fêz uma carantonha!

Também se fêz ali caricatura!...
— O nosso *Caldas*, em solene compostura,
Pôs-se a focar o *Homem dos Bigodes*...
Depois o *Rolão*... *Pinho* que, paçudo,
A' pose extasiado se consagra,
E com maneiras tais,
Que ficou parecendo,
Não desfazendo,
Uma gentil figura de *Tanagra*!

História alegre dum cabrito que morreu tristemente ou uma tarde de *Camões* passada gruta... da Lomba

Contada por Staline com um R. I. P. de José de Artimanha

Em seguida posou *Morais graúdo*,
E também o *Morais miúdo*...
E por fim, no desejo de marcar
O seu talento, o *Caldas*, com um grito,
Pôs-se a desenhar
A silhueta esbelta do *Cabrito*.
Este, porém, de mão em mão,
Trêmulo de divina comoção,
Não se prestava à pose, nem p'lo *Azaña*,
E disso resultou esta partida estranha:
— Em lugar do *cabrito*, o *Caldas* viu ali,
Nos traços que êle fêz na lauda do caderno,
(Como se fôra obra do *Inferno*!)
A silhueta exacta do *Gandhi*...

E enquanto o *Morais* não se mexia,
Porque não podia;
E enquanto o *Migalhas*, já na *estica*,
Reclamava remédios de botica;



O sr. Abade *Azaña*

E enquanto o *Patachon*,
A rebolar-se pelo chão,
Rijo e fero,
Contava quinze à zero;
Enquanto o *Pão de Ló*, ligeiro como os gamos,
Saltava pelos ramos
Dum plátano frondoso;
Seguido de pertinho
Pelo adiposo
E bom do *Pinho*;
E enquanto, cheios de mágoa,
Quási a chorar,
Muitos bebiam água
Para... atrasar;
— O *Cabrito*, a pálida criança,
Aos poucos, lentamente, entre os vapores do vinho,
Resignado e estóico, ia descendo à pança
Do nosso camarada *Rolão*... *Pinho*!

Disse-se adeus à Lomba!
— E, para refrescar,
Foi o cortejo para a beira mar
Tomar o ar na tromba!

Staline

R. I. P.

Cabritinho que lá vais
Eu não queria a tua sina.
Morreste às mãos do *Morais*
Levou-te a fome canina.

Jaz além n'esse destêrro
Só metade da metade...
Mas tiveste um lindo entêrro
Na pança de um grande abade.

O teu caixão que devia
Ser igual ao de um anjinho
O de um defunto parecia:
Foi feito de pau do *Pinho*.



O *Pinho dos Pinhões* ou o homem que conseguiu meter na barriga todo o recheio do *cabrito*

Assistiram à função
Variados sacristães
Quem cantou o cantochão
Foi o *Anibal Magalhães*

Na tua campa depus
Uma coroa de grinaldas
Foi tua vida uma Cruz
E ao morrer foste pró *Caldas*.

José de Artimanha.



Staline de *Morais* fotógrafo excelente. E' pena que as chapas fôssem absolutamente negativas.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 62 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 307

N.º 309

Entre dois amigos:
— Minha mulher usa as meias por fora dos sapatos.
— Como pode ser essa coisa extraordinária?
— Muito fácil: são as meias... solas.

Remetente: Ambrósio.

N.º 310

Num *studio* americano, ao filmar uma cena: *O director*—Basta, homem! Essa cena de amor é muito banal. Quero-a mais ao vivo, com mais calor.
O galã—A culpa é sua. Não escolhesse a minha mulher para contracenar comigo.

Remetente: Das Mercês.

N.º 311

Em um baile, um dêsse idiotas que gostam de presumir juntando um «de» ao seu nome burguês, falando de uma certa reunião de fidalgos, a que ele tinha assistido—disse:
—Eramos vinte homens e vinte senhoras, e todos eram nobres, excepto meus pais.

Remetente: A. B. C.

N.º 312

A' saída de um concerto:
— Isto sim, é que é uma família de artistas!
Ele um grande pianista, a mãe uma violinista de mérito.
— E o pai?
— Esse é sineiro nos Congregados.

Remetente: A. B. C.

N.º 313

Entre amigos:
— Os barbeiros da minha terra fizeram greve. Calcula tu que não fazem a barba aos seus clientes sem cortarem o cabelo!
— Como assim? Então eu, por exemplo, aço a barba duas vezes por semana e sou também obrigado a cortar o cabelo outras tantas vezes?! Isso não pode ser.
— O' grande pascácio, então tu não vez que se o barbeiro te não cortar o cabelo, saís da barbearia da mesma forma que entraste; isto é, vens com a barba por fazer. Sempre é muito bruto!

Remetente: Rutra Luar.

N.º 314

Num museu de pintura, um amador percorre as galerias, examinando tudo com atenção. Ao chegar perante uma série de quadros representando os sete sacramentos, detem-se, e, depois de observar bem o quadro do casamento, exclama:
— Pois senhores, nem em pintura é possível fazer um bom casamento!...

Remetente: Lérias.

N.º 315

Certo comerciante escreveu nos seguintes termos ao seu viajante:
— ... e espero que o senhor não volte a enviar-me cartas sem selo. Já é a décima multa

que pago. Espero também que tome na devida conta a recomendação que lhe fiz quando saiu, para que faça a máxima economia nas despesas de viagem.

Ao que o viajante respondeu:
— ... e quanto a economias, escusado será V. S.ª recomendar mais, pois como vê, nem selos compro para as cartas, poupano assim ao patrão, quarenta centavos de cada vez que escrevo. Como elas chegam ao seu destino, vejo que V. S.ª se enganou, dizendo-me que não enviasses mais cartas sem selo, motivo porque esta segue na forma do costume. Lamento o que me diz acêrca das multas, mas eu bem avisei V. S.ª para que tivesse cuidado com êsse bacalhau.

Remetente: Olegna.

N.º 316

No Casino da Póvoa:
— Jôgo!
— Retiro os meus 100\$00.
— Mas o senhor não apontou dinheiro nenhum.
— Não? está bem, retiro o que disse.

Remetente: A. B. C.

N.º 317

Certo individuo a quem um mau barbeiro tinha feito a barba, e preguntando-lhe, afinal, se estava à sua vontade, respondeu-lhe:
— Olhe, mestre, se isso se chama barbear, declaro que me levou couro e cabelo. Porém se vocemecê pretendeu esfolar-me... a barba, então devo confessar que me esfolou com muita delicadeza.

Remetente: Delfim de Freitas.

N.º 318

Seguia seu caminho uma camponesa acompanhada pelas suas duas filhas novas e simpáticas.
Um sujeito que atenta nas raparigas, diz:
— Que boas frangas!... Quere você vender-mas, ó santinha?...

— Não; as frangas não lhas vendo, mas posso vender-lhe os ovos delas.

Remetente: Nalcefaniir.

N.º 319

Um velhote passava na Praça muito entredito a ler a página infantil do *Janeiro*. Nisto um catraio vê-o e diz para outro que ia a seu lado:
— O' pá, olha que vergonha, um velho a ler a página das crianças!!

Remetente: Rutra Luar.

N.º 320

Entre pintores espanhóis:
— Eu pintei uma paisagem das regiões polares tanto ao vivo que coloquei junto ao quadro um termómetro e êste desceu logo a 25 graus negativos.
— E eu pintei uma vez o retrato de um fidalgo tão ao natural que era preciso fazer-lhe a barba de dois em dois dias.

Remetente: A. V. C.

N.º 321

Dois médicos de uma vila, davam-se como o cão e o gato.
De cada vez que morria algum doente, dizia o outro médico:
— Mais seis palmos de cemitério na vida do meu colega.
— Vê-se bem que ganha terreno.

Remetente: A. B. C.

N.º 322

— Que é feito do teu homem?
— Agora sai pouco. Anda doente... Sofre de prisão de ventre...
— O meu, agora, também não sai por sofrer de prisão correccional...

Remetente: Dr. Pretito.

Entre médicos novos



— ...E tu, foste feliz com o teu primeiro doente?
— Pois claro: a viúva ficou satisfeita e pagou muito bem a conta.

Contos... sem ser de reis

Dar ou não dar

Damião Reis era um dos sete Sovi- nas do Universo. Não prometia, não emprestava não dava: só pedia. E não julgavam, que era cisma. Não senhor. Era sistema, era geito de nascença.

E se foi dado à luz, não foi de sua vontade. Foi porque o apanharam de olhos fechados. Mas armou tamanho berreiro quando se viu no mundo, que tiveram de lhe dar um biberão natural para o calarem.

Era tão avarento que nunca regor- gitou. Aos seis meses, a mãe, para lhe ser agradável, apanhou uma *dada*, o que ele agradeceu virando-se para o outro lado.

Depois foi crescendo; vieram-lhe os cabelos, os dentes, mas nada de começar a andar. Isto ia intrigando a família, os médicos da casa e os facultativos.

Promessas, tem-tem, aviões de andar por casa, tanto valeu, o Damião, nada, nem um passo em falso.

E só quando ele já falava menos péssimo é que a razão se descobriu, visto que nada tinha nas pernas.

Estava a mãe a pedir-lhe:

— Vá Miãozinho, dá um passinho, quando ele armou uma perlice.

— Não dou, não dou, não dou nada...

Era assim. E de tal forma cultivou este predicado que era para ele um verdadeiro complemento directo, que quando chegou à idade da razão, em vez de lhe chamarem Damião Reis, passaram a chamar-lhe o Dar-me-ão Escudos.

Cresceu sem dar nas vistas, e fez-se um homem. Sempre com a mesma orientação, nunca dava as boas tardes sem lhas terem dado a ele primeiro. Fêz-se cobrador duma companhia só para não ter o desgosto de dar; depois foi porteiro dum teatro, não pela necessidade, mas pelo prazer de receber os bilhetes. Nos eléctricos nunca dava o lugar a nenhuma senhora por mais fotogénica que fosse, e nunca foi revolucionário civil, só para não dar o corpo ao manifesto. Por mais que lhe pedissem, não votava; para não dar o voto a ninguém.

A primeira coisa que deu na sua vida foi o nó conjugal; mas como é um nó cego, ele não viu bem, e foi por isso.

Consolou-o no entanto um pouco, a certeza de ter pedido a mão da mulher e de lha terem dado. Também pediu a bênção ao padre e ele deu-lha.

Passado pouco tempo, porém, a vida do Damião mudou um pouco. Isto quem se mete com mulheres por muito nossas que sejam, arranja sempre um castigo pouco exemplar. E' que as

mulheres mesmo sem terem as qualida- des inatas do Damião, passam a vida a pedir. E a gente tem de lhes dar alguma coisa se quer que ele nos dêem também alguma coisa a nós.

E a do Damião era dessas. E ele não teve outro remédio se não ir alar- gando os cordões e dando alguns cobres. Mas em troca exigiu dela alguma dádiva. E ela deu-lhe um filho. E o filho deu-lhe más noites, e uma dúzia de molhadelas nas calças. Depois, quando cresceu, deu-lhe desgostos e exigiu-lhe dinheiro.

Claro está que isto era matar o Damião; mas quem sabe se não era isto o que o filho queria. Há sempre no estômago dum filho aperedado, um lugarzinho para quando o pai morrer.

Dizem que as mães gostam mais dos filhos que piores são... E a mulher do Damião — já o dissemos — era uma destas.

Por isso animava o filho com os seus mimos e este massacrava o pai com dívidas, com desgostos, com faltas de amor filial.

E aí temos nós o Damião a definhir, a tornar-se amarelento como uma fôlha no outono e a andar apreensivo. Não estava mais na sua mão. Por mais que quisesse dar não podia. Era superior às suas forças o magnânimo gesto que teve como consequência as festas da flor tôdas as segundas-feiras; e o speditórios todos os Domingos.

Não comia, não pregava olho, não falava. Em casa, já a mulher se habituara também a não lhe dar palavra, e o filho alcinhava-o de esquelêto com as mãos nos bolsos.

Mas um dia, chegou a libertação: quando o filho talvez moido com remorsos por o ver naquele estado, num momento de bom senso ou de regeneração, se chegou a ele carinhoso e meigo e pediu a bênção e o seu perdão, o Damião só pôde articular estas palavras, de lábios cerrados.

— Não dou, já disse, não dou nada...

Caindo para o lado, deu a alma ao criador.

Foi a primeira vez na sua vida que deu alguma coisa sem recalitrar.

José d'Artimanha.

Madrigal

Vivinha, vivinha
De olhar terno, muito doce
(Nunca vi olhar assim...)
Se tivesses sido minha
Não me importava que fosse
Todo esse luto por mim!

Dr. Pretito.



Nada de confusões

O papá da Adélia Rivas
Ofereceu, todo baboso,
Um jantar grande, pomposo,
A dezassete convivas.

Eram os anos da Adélia,
A sua filha adorada,
Tão fresca e tão carminada
Como um botão de camélia
Colhido de madrugada.

Entre os convivas, lá vinha
A viúva Alpendurada,
Matrona muito gordinha,
Muito sadia e anafada,
Mas ainda em muito bom uso.

Ficou-lhe ao lado, na mesa,
Muito *chic* e irrepreensível,
Deitando-lhe um olho obtuso,
Um olho terno, sensível,
O Barão da Cara Têsa.

E quando veio o assado,
(Um peru de estarrecer!)
O *champagne* foi servido,
O Barão, muito educado,
Q'rendo a taça d'ela encher,
Disse-lhe, quasi ao ouvido,
Passando a mão no *chinó*:
— Quer... *viúva Cliquot?*

Responde ela, abespinhada,
E com o queixo a bater:
— Qual... *viúva Cliquot?*
Sou *viúva Alpendurada!*

Dr. Knox.

Contração

A' memória do Padre Amaro (do Crime)

Se não a fito, diz que sou ingrato;
Se acaso a fito, foge da janela;
Não lhe ligando, pede-me o retrato;
Em lhe ligando, não me liga Ela;

Se não me liga, murmurava: (Eu mato
Esse cruel!) — ó que mulher aquela! —
Pois queria, a rigor, este retrato:
Estar tôdas as horas junto dela!!!

Até que um dia, farto já de todo
Dessa mulher, (chamava-se Isabela)
Resolvo, enfim, ao «caso» dar êxodo!

Mas quando ia mandar-lhe as cartas, Ela
Expusera-me as coisas de tal modo
Que nem sei se a razão é minha ou Dela!

Bota-Tudo.

Pergunta a prémio

Quantas palavras se podem formar dentro do vocabulário português com as seguintes letras:

REMLHASAZE

e quais são essas palavras?

Ao decifrador da lista completa será dado o prémio de 20 escudos.

E' claro que se poderão empregar independentemente duas, três, quatro letras, etc...



A PENSAR MORREU UM BURRO

ORÇÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 15

DIRECTOR ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

8 DE JULHO DE 1933

Decifrações do n.º 13 — 1, Morreu a rir; 2, Reseio; 3, Maribunda; 4, Sarapião; 5, Tremação; 6, Lisvoa; 7, Lisvoa; 8, Debucho; 9, Suciidade; 10, Carabela; 11, Facia; 12, Pirua, pia; 13, Juquillo, julho; 14, Francisco, fraco; 15, Vácora, vara; 16; A' muitos burros iguais; 17, Cavide; 18, Boa romaria faz, quem em sua casa fica em paz; 19, Muito riso, pouco siso.

Decifrações — Reirobi, 18; Rei do Orco, 18; Tripeiro, 17; Horociano, 16; Feirante, 15; Busina, 15; Rutra Luar, 13; Só Darco, 11.



Enigma em verso

(Aos camaradas Bisnau, Olegna e Rei do Orco)

(1)
Uma tenho unicamente
Como a tem tôda gente.
Tenho duas, por sinal
Uma é da outra dif'rente.

Uma tenho que tem corpo;
Uma tenho que o não tem.
Sem a ter ninguém existe
Sem a ter existe alguém!

Tenho duas; uma delas,
A' outra é bem necessária.
Não há letras repetidas
Não é coisa extraordinária.

Conheço quem tenha uma,
Quem tenha duas também,
E emprega outras ainda
Só com aquela que tem.

Finalmente, lhes direi:
Há quem faça uso constante
Da que tem, para fazer
Gosar o seu semelhante.

Edipo.

(Ao Rei das Musas)

(2)
Passou ontem p'la calçada
A loira Berta Valente
Que em tempos usou chinelos.
Diz-lhe o Zé: — Ricos marmelos!
Ela pára; e descarada:
Olha quem fala, és tu.
— Pede a meu pai a semente
E que t'a deite no. . (1)

S.

Charada em verso

(3)
O fruto que te enviei, — 2
Picado do passarinho, — 2
Era bom que eu bem o sei,
Pois, prèviamente o provei,
E era um fruto bem docinho!

Rei do Orco.

(1) Cada ponto equivale a uma letra.

Novíssimas

(4)
A flor, dá-se bem onde se secam
ceriais e onde se guarda carvão. — 2-2.

Tripeiro.

(5)
Olhei com atenção o animal e notei
que era velhaco. — 1-2.

Tripeiro.

(6)
Apre! não faça mais ar, senão
estoiro. — 2-2.

Rutra Luar.

(7)
O animal fugiu ao homem para
aquele terreno. — 1-1.

Rutra Luar.

(8)
Não leu no jornal o naufrágio do
barco? — 1-1.

Ohnidog.

(9)
Na igreja, trocei do sacrista por
êle estar com a carraspana e não ter
cortezia. — 1-1-2.

Sepol.

(10)
Nota que êle era capaz de tudo;
por isso, *regeita* tal plano. — 1-3.

Lérias.

(11)
Grande animal! repreende a criada
porque não deitou vinagre no frasco
de legumes! — 1-2.

Fantasma Negro.

(12)
Essa abertura, mulher, tem de ser
tapada! — 1-2.

Lérias

Sincopadas

(13)
3 — A insónia, causou-me no rosto,
uma mancha. — 2.

Quimono.

(14)
3 — Aquela dama é pessoa de carác-
ter! — 2.

Busina.

(15)
3 — Um homem enérgico nunca
agride um fraco. — 2.

Lérias.

(16)
4 — Tenho em casa uma pessoa que
come muito; é o meu cultivador. — 3.

Vitranhadalsa.

Maçadas geográficas

(17)
Formar o nome duma terra portu-
guesa, com as letras da seguinte frase:

VE-CE COLEIRAS DA MODA

Otter.

(Agradecendo ao amigo Olegna)

(18)
A' DESFORROS OLEGNA?

Reirobi.



Enigmas tipográficos

(11 letras)

(19)

X	5
500	O

Sepol.

(20)

C ₁	S	M
	TI	TU

Tripeiro.



Provérbio a adivinhar

(21)
A Micas tinha um cordão
Que guardava com amor,
Não pensasse algum ladrão
Em lhe roubar tal valor.

Mas um dia mui contrita,
Como a crise é mundial,
Foi levá-lo ao penhorista
P'ra remediar o seu mal.

O homem não deu, contudo,
Um rial por tal penhor.
O cordão no fim de tudo
Não tinha nenhum valor.

E disse à pobre mulher,
Entregando-lhe o tesouro:
Neste mundo, pode crêr,
.....

Lérias.

O BRANCO NO PRETO

SUPLEMENTO MENSAL DA "MARIA RITA", DEDICADO AS COLÓNIAS E ILHAS ADJACENTES

ANO I — N.º 4

DIRECTOR: D. AFONSO V (O Africano)

Tiragem 50.000 exemplares ou mais

EDITORIAL

Amigos de além do mar:

Já Democrito dizia, e afinal tinha uma dificuldade imensa em falar, que o riso cabe em tôda a parte e em tôda a parte existe, até no Vaticano! Também a fábula diz que o riso foi dado ao homem, rei dos outros animais, e isto é tão certo que desde o «Homem que ri», de Vítor Hugo, até aos srs. drs. Carlos Santos e Agostinho de Campos que fazem rir os outros, tôda a gente sabe que o riso é tão necessário como o ar.

Que importa, pois, que o mar se tenha metido entre nós, queridos irmãos?! A uma pessoa intrometida dá-se-lhe no nariz para trás, e eis tudo.

Fazei o mesmo ao mar! Dai-lhe no nariz para trás, e vereis como a MARIA RITA é tanto de aí como de cá.

Pelo menos a nossa amizade é igual.

Afonso V.

Vamos hoje fazer êste suplemento com impagáveis recortes e documentos que a gentileza de nossos amigos nos fêz chegar às mãos. Começamos por transcrever uma proposta publicada no

Boletim Oficial da Colónia de Cabo Verde

Proposta

Considerando que o burro reprodutor, existente no Pôsto Zootécnico da Trindade, já não corresponde cabalmente às funções para que foi adquirido, devido à sua pouca virilidade, sendo por êste motivo de absoluta necessidade e urgência a introdução de um novo reprodutor asinino, de raça espanhola, destinado àquele Pôsto e à consequente produção de um maior número de híbridos muires de sangue melhorado;

Tenho a honra de propôr a Sua Excelência o Governador, que seja autorizada a aquisição do animal em vista, por intermédio da Agência Geral das Colónias, em condições que ofereçam garantias de boa origem e que apresentem o conjunto das características da raça a que pertence, sem vícios nem defeitos que o tornem impróprio para o fim a que se destina.

Bem diz o sr. Adolfo Hitler: lugar aos novos. Os velhos estão cansados e é preciso substituí-los.

Carta de Luanda

Luanda, tantos de tal...

Tia RITA:

Queira Deus
Que você sempre esteja,
De saúde, a mai-los seus,
Tal e qual como deseja.

Ao tracejar estas linhas,
Em resposta ao seu favor,
Faço-me todo em pinguinhas,
Derretido p'lo calor.

Isto, é de mais, tia RITA!
Vomecê, aqui, então
Andava sempre aflita
E cheia de comichão!

Novas? — Nada de pêso...
Tudo banal, corriqueiro,
O Zé povinho anda teso,
Mas finge que tem dinheiro.

E depois, nada que marque.
Nem mesmo o doutor Garção
Com peças no Cine-Parque
Que não se sabe o que são.

Por hoje, ponto final
(Largou a pena o rapaz...)
Luanda, tantos de tal,
Seu sobrinho

Zé Cartaz.

Agora a cópia de uma guia passada pelo Soba D. Bernardo — Cahondo:

Guia

Seguem neste Posto Civil de Golungo Alto, o Macota de soba Meximba Francisco com dinheiro dos impostos, que são 18 casas, gunto os 4 homens substituir outros, sobre os que ainda não pagaram imposto nas cobatas não à ninguém todos esparados nos caminhos de ferro e outros está baixado Dala-tando com doente hospital de nome Francisco Agostinho, e Francisco João, e Janota Cabuid está nos pital de Golungo Alto, porisso V. Ex.º só responsável de mandar prender estes homens.
Banza 25-3-933.

teu obgd.º

(ass.) D. Bomho Bernardo Soba Cahondo

E' ou não é de a gente ficar banzado?...

Leia-se agora êste epitáfio que se encontra num cemitério do

Plana'to de Benguela

A êle, meu Deus!...

Marido indolatrado que te choro,
Por não ver o teu amor junto do meu.
Amaste tua esposa porisso te imploro,
Que leves o meu corpo p'ra junto do teu.

Coitada! Isto é humano! Era o corpo a pedir-lhe cova cheia!

«Dois esqueletos um ao outro unidos!...».

Glosas recebidas para o primeiro mote do Branco no Preto.

Uma das levandades
Que se praticam na vida
É dizer-se; — a despedida —
Quem parte leva saudades
Pois a noiva que se deixa,
De esperar muito, se deixa:
Que já sente formigueiro.
Regressa... Encontra-a casada...
Não tem noiva, não tem nada...
Mas às vezes traz dinheiro.

Huinino.

Glosas recebidas para o segundo mote do Branco no Preto.

Podes olhar para mim,
Pedires com meigo ardo
Que te dê o meu amor:
Pode alguém dizer que sim
Que te darás só a mim,
O que seria o meu gosto
Pois tens um formoso rosto:
Mas sabendo quem tu és
Podes rojar-te a meus pés
Que eu digo, não com desgosto

Dr. Pretito.

Tanta confiança em mim,
Que às damas que bispava,
— Era certo, — perguntava:
Pode alguém dizer que sim?...
Era então um Cherubim...
Um rapaz todo bem posto!...
Hole, — que às uvas falta o mosto!
E falta ao anzol a barbeta,
— Pode aparecer a mais bela,
Que eu digo, não com desgosto...

Kuinino.

Que ta gostá cheu de mim
A Zefita da Ribeira
Só porque é ela fiteira
Pode alguém dizer que sim.
Mas se a flu vai ao fim
E se me faz o que eu gosto,
Depois de beijar lhe o rosto
E me sentir satisfeito
Escusa de erguer o peito
Que eu digo, não com desgosto

Abilmar.

Mote para glosar:

Onde o preto sobressai
E' no corpo das viúvas.

POSTA RESTANTE

Jorge Alberto dos Santos — Obrigadíssimos pelo seu interesse. Como deve ter notado o recorte já saiu e foi comentado. Saudações amigas.

Telmonte — Como agradecer-lhe? Tantas provas confundem-nos. Queira mandar a sua fotografia a ver se o nosso caricaturista arranca qualquer coisa para inserir em «O Branco no Preto». E sempre obrigado.

Para
pintar
paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10
dura 10
minutos
horas
anos

4.ª Lição — Caches, etc.

Caches — Usam-se muito e os mais variados. Há-os de todas as formas e feitios. Os mais usados são em forma de borboleta, de maçã, de parra e ainda os *papagaios*.

Aparições — Estas então não tem conta! — A pior é quando os maridos enganados aparecem no momento em que não deviam aparecer.

Flash — É, uma visão rápida. Diz-se que o *flash* foi inventado por Griffith. Puro engano! o *flash* apareceu naturalmente, sem ninguém dar por isso.

Flash-Back ou recordação — Apareceu também naturalmente.

Usam-no todos os namorados, quer sob a forma duma flor, duma carta perfumada, duma liga, quer ainda sob uma forma maligna e perigosa.

Terminada a primeira parte das nossas lições, vamos entrar na segunda e última parte. Para se fazer um filme bem feito e com todos os matadores é preciso, em primeiro lugar, escrever-se o argumento, escolher o assunto.

Há assuntos variados. Género salão, histórico, psicológico, financeiro, etc., etc. Para o primeiro, convém aprender com o Leitão de Barros. Para um assunto histórico podemos escolher, por exemplo, a vida e obras de D. Afonso I, o Costa. Para os outros também não é difícil, basta um bocadinho de boa vontade.

Escolhido o argumento, contratam-se os interpretes, fotógrafos, decoradores, músicos e técnicos de som.

Os interpretes podem ser: masculinos e neutros. Os fotógrafos (operadores) devem saber operar sem o que... nada feito. Os músicos devem saber tocar todos os instrumentos que Deus ao mundo deitou, desde o bombo ao saxofone. Os decoradores, decoram porque se não decorarem e não souberem tudo na ponta da língua, apanham um valentíssimo *chumbo*.

Técnicos de som é o que mais se encontra... e às vezes sai cada som!

Mil Reis.

No último número do grande Magazine Bertrand, publicação que honra as artes gráficas portuguesas, vinham publicadas umas linhas que nos dizem respeito.

A MARIA RITA, como afinal quã i todas as mulheres gosta de reclame; mas assim não, porque foi feito de uma forma um tanto ou quanto ambígua.

Enfim e para encurtarmos razões diremos que o director da sua secção charadística, um senhor que dá pelo nome de Rei Fera, pseudónimo feio, valha-o Deus, mas assim mesmo roubado, pegou no cacete e tratou de nos desancar, alegando em legítima defesa da sua ferocidade real, que a nossa secção charadística, era imprópria para consumo, porque em lugar de ensinar tornava os colaboradores estúpidos.

Costumamos ter pena de quem vem à feira com o peixe podre: Arrisca-se a ser multado.

Pois não viu sua Majestade ferina, que a nossa secção é a chuchar com a seriedade da dèle? Pois não vê o catra-cego rei dos animais que o processo adoptado no Bertrand já não poderá ser usado no infantil *Tic-Tac*, onde êle também tem assento? Então na MARIA RITA, que mais poderia ser do que uma *caciana* brincadeira?!...

Sabe o que é *caciana*, sr. Rei Fera?...

Não sabe, apostamos... Não quis saber de mais nada senão de pensar que a nossa secção era um escarro charadístico, e não se lembrou sequer do seu título.

Pense mais um bocadinho por favor, e lembre-se que essa secção se chama *a pensar morreu um burro*.

Concurso do S. Pedro

Foram premiadas as quadras dos seguintes concorrentes:

Com 20\$00 a de A. Ventura.

Com o livro *Ares da minha Serra*, a de Z.

Com o livro *Céus de Fogo*, Delfim de Freitas.

Com o livro *Um ar da minha graça*, a de A. Meneses.

Com o livro *Raio Verde*, a de Liró.

Concurso do S. João

Foram premiadas as seguintes quadras, tomando como base a ordem dos prémios publicada:

Com 20\$00: Eleté.

Com o livro *Ares da minha Serra*, Quim Grande.

Com o livro *Céus de Fogo*, Zangolipanças.

Com o livro *Um ar da minha graça*, Olegna.

Com o livro *Raio Verde*, Agá Larbac.

A MARIA RITA pode orgulhar-se do êxito alcançado pelo seu concurso de S. João. Só quem viu é que pode afirmar a quantidade de quadras enviadas. Um mundo!... A distribuição de

prémios está feita de acôrdo com o plano do concurso que considerava melhores as quadras onde entrassem as quatro palavras preferidas. Assim se fez a distribuição dos prémios, se bem que nos ficassem os olhos nalgumas, em muitas quadras de um sabor delicioso a noite de S. João. Qualquer dia faremos um concurso a sério...

Décimas... dentro do praso

O grande segrêdo

Segundo o *Noticias* diz,
Há no Pôrto uma velhota
Muito tesa e frescalhota,
Senhora do seu nariz,
Inda não dobra a cerviz,
Nas ruas não perde o tento,
Fala com todo o acento,
E não tem cansada a vista:
É Josefina Baptista,
Que já conta mais de um cento!

Diz que já foi rapariga,
Donzela, mas não mulher,
Pois homens... só para ver,
Que os homens são... grande *espiga*.
Gosta del's, também lhes *liga*,
Mas só... teoricamente;
Bebe café, aguardente,
Porém, de drogas tem medo...
Ora aqui está o segrêdo
Da vida tão resistente!

Bisnau.

Aquilo que nós sabemos

Em virtude de um lamentável erro tipográfico, que transformou por completo a frase que tínhamos dado para último verso da quadra a glosar, consideramos sem efeito o mote da semana passada.

Este mote que deveria ser

Antes morte que o Bemfica

safu d'estarte

Antes recorte que o Bemfica,

o que nada significa e que se não pode, portanto, glosar conveniente.

Para a semana teremos que glosar o seguinte mote:

A mulher p'ra ser bonita

A Casa Figueiredo

Da RUA 31 DE JANEIRO, 74—PORTO

Vende a prestações de 2\$50 e 5\$00 semanais com bonus, os seguintes artigos: Malinhas para senhora, carteiras e todos os artigos de viagem. Gramofones e discos.

PEÇAS E

1924



SEXTA PEÇA DO CONCURSO

“MISS” AMÉLIA

Drama “arábico” transplantado sem planta nenhuma para portugueses por Don Faner

PRIMEIRO ACTO

A cena passa-se no infinito Sahará que, dadas as dimensões do palco aparece finto como burro. Debaixo duma palmeira vêem-se dois árabes de côcoras. O silêncio é «jazizal».

UMA MÔSCA — Zzz, Zzz.

UM DOS ÁRABES (sugestionado pela posição) — Pff!

O OUTRO (muito atrapalhado e para distrair a atenção do público) — A propósito, quem é que nos paga o rapto?

1.º ÁRABE (lacónico) — Bad-Ahmed.

2.º ÁRABE (baixinho) — Vê lá como falas, olha que estamos a representar.

1.º ÁRABE (dando pelo engano) — Não percebeste, é Bad-Ahmed, o sheik da tribu dos Kal-meiros.

2.º ÁRABE — E o que nos dá êle se formos bem sucedidos?

UM CUCO (que tem estado a cocar tudo no alto dum coqueiro) — Cu-cu, Cu-cu, Cu-cu.

OS ÁRABES (muito côrados) — Estes pársars sempre teem coisas...

(O pano desce também um pouco côrado)

SEGUNDO ACTO

Na tenda do Sheik. Como «tenda» que é, vêem-se ali expostos os mais variados objectos, desde o próprio Sheik a um «apara fezes» de louça de Saçavém, passando por espingardas, punhais, peles de feras mais ou menos ferozes, etc., etc. Um dos árabes do primeiro acto entra de roldão.

ÁRABE — Senhor, eu e o meu colega Ali acabamos de raptar miss Amélia.

BAD-AHMED (muito digno e muito caloteiro) — Que Allah lhes pague o serviço que me prestaram.

ÁRABE (com os seus botões mais íntimos) — Estou esfregado com lixa.

BAD-AHMED — E como foi isso? Com certeza tiveram de partir muitos queixos...

ÁRABE (já mais macio) — Eu lhe conto. Estávamos nós acorados atrás duma palmeira quando passou a caravana. A um sinal meu Ali dá dali mesmo um urro parecido com os do Leo da Metro Goldwin Mayer enquanto eu me precipito no meio dêles gritando: «Oh da guarda! Quem me acode!?»

Foge todo o mundo às cegas não há ninguém que não corra
Eu procuro miss Amélia
E não a encontro. Bolas!

Desesperado pus-me então num berreiro «Oh Amélia! Oh Amélia!» e o que é certo é que Mahomet ouviu-me pois mal tinha dito isto quando correu para mim aquela por quem eu procurava, Ali urrava e o Sheik suspirava. Abarbatei-a e...

BAD-AHMED — E...

ÁRABE — Já lá canta no harém.

BAD-AHMED (imitando as partidas do Sars field nos 100 metros) — Allah-hu-Acbar! Agora é que vai ser gozar!

(O pano corre... atrás dêle)

TERCEIRO ACTO

Num quarto particular do harém de Bad-Ahmed. «Miss» Amélia muito aborrecida rói as unhas enquanto um eunuco mameluço passeta dum lado para o outro.

«MISS» AMÉLIA (levantando-se e dando-lhe uma pancadinha na pança) — Oh seu mameluço, quantas mulheres tem Bad-Ahmed?

EUNUCO — O Sheik tem três.

«MISS» AMÉLIA (atônita) — Então se tem três, que pretende de mim?

(Neste momento surge Bad-Ahmed, em «sprint», por detrás dum reposteiro, tropeça numa pele de corcodilo e cai de trombas em cima de «miss» Amélia).

«MISS» AMÉLIA — Arre, que é bruto.

BAD-AHMED — Desculpa oh Caetano e vem, vem junto a mim dar-me o calor da tua mão...

«MISS» AMÉLIA — Nunca! Quem tem três não precisa de mim para nada.

BAD-AHMED — Mas não sabes que elas são umas pretas e o que eu quero é uma branca culta, uma branca que de selvagem que sou me transforme numa enciclopédia bipede?

«MISS» AMÉLIA — E que me dá em troca?

BAD-AHMED (armando em prestidigitador e sacando debaixo do albornoz uma tela completamente branca) — Isto! O mais célebre quadro de Raf-a-êle, intitulado «A passagem dos judeus pelo mar Vermelho». As águas abriram-se, os judeus já passaram e os egípcios ainda não estão à vista.

«MISS» AMÉLIA — Não me convence.

BAD-AHMED — Dou-te então um livro célebre, «Modos de obrar do K. H. I. 21», de enredo palpitante.

«MISS» AMÉLIA — Não me cheira.

BAD-AHMED — Nesse caso, dou-te o meu maior tesouro, uma colecção da MARIA RITA.

«MISS» AMÉLIA (saltando-lhe para o colo) — Hurrsh! Sou tua!

BAD-AHMED (urrando de alegria) — Queres então que corra a cortina que separa o harém pagão da câmara nupcial?

«MISS» AMÉLIA — Sim, Bad-Ahmed, corra para mim e corra para si.

O EUNUCO (muito invejoso) — Issc, isso, corra para Você que eu já não tenho bolas para ir em «futebois».

(O pano cai definitivamente)

Don Faner.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: Espectáculos de variedades.

Rivoli: O interessante filme *Deliciosa Olimpia*: Cinema sonoro com as melhores produções.

Trindade: O famoso filme *Amante improvisado*.

Batalha: Os filmes *O amor é assim!*... e *O Café do Felisberto*.

O calçado de fama

DIANA

Vendas a prestações com bonus

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

Telefone, 5422



Nome Pontos

Morada
 (Cortar por aqui)

Quem quiser concorrer, não tem mais que marcar na gravura acima, **nove** dos 26 bonecos publicados. A marcação pode ser feita de qualquer forma: ou cortando ou riscando, os nove bonecos em que deseja acertar. Depois remetem a **barraca** para a nossa redacção até à próxima quinta-feira. E não deve esquecer o registo do nome ou pseudónimo adoptado, e a respectiva morada.

Ver condições e prémios na nossa segunda página

No próximo número, será publicada esta mesma gravura sem os **cinco** bonecos que tem de morrer esta semana, de acôrdo com o envelope lacrado correspondente à primeira, que está exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto.

No número seguinte daremos a lista dos concorrentes e dos prémios atribuidos a cada um.

Pede-se o favor de reclamarem no caso de não estar de acôrdo o número de pontos atribuidos. A tudo se dará resposta, porque nos concursos da MARIA RITA impera a

Honestidade e o Escrúpulo

Visado pela Comissão de Censura